

Boa noite, o meu nome é João Pacheco e venho aqui contar-vos umas histórias, na condição de não-crente a falar aos crentes.

A propósito, o meu interesse por Deus é nulo, imagino que seja um sentimento recíproco. Já quanto à religião católica, aí é diferente, porque parte da minha educação foi católica e sobretudo porque em Portugal vivemos numa cultura em que a herança judaico-cristã tem muito peso.

Na prática, fui baptizado, fiz a primeira comunhão e uma vez – em miúdo - fizeram de mim São João numa festa de aldeia no Minho, vestido com peles felpudas e atrelado a uma ovelha enorme e impaciente. Atrelado à ovelha seguia também outro São João da minha idade, que praguejava o tempo todo.

O prometido era uma ovelhinha - naquele dia acabou por não se arranjar - e depois é claro que não tivemos mão na ovelhona.

Nunca a procissão do Requeixo chegou tão depressa à capela como naquele ano.

Na minha família mais próxima, a única pessoa que parecia acreditar em Deus era a Bizé, a antiga *mademoiselle* que tomou conta primeiro dos meus tios e da minha mãe e que muitos anos depois – por azares da vida dela e para nossa sorte - acabou por ir viver para casa dos meus pais, tomando assim conta das minhas cinco irmãs e de mim. Morreu há dez anos quase centenária, quando eu comecei a trabalhar como jornalista. Tinha cumprido o papel até ao fim.

Era uma espécie de avó adoptiva - quando eu nasci, a Bizé já andava pelos setentas. E ali pelos meus quatro ou cinco anos, parecia-me que tínhamos a mesma idade. Todas as noites, a Bizé ia deitar-me e contava-me histórias na cama. Sendo semi-analfabeta, sabia assinar (“Ofélia Aldemira Gomes Soares”), sabia ler uns missais com dificuldade e pouco mais.

O que a Bizé sabia mesmo bem era muitas histórias de cor. E contava-as sempre da mesma maneira, quase sempre de luz apagada. Usava as mesmas palavras de todas as outras noites, fazia vozes consoante as personagens, era uma grande contadora de histórias. E eu lá ia pedindo sempre mais uma, mais uma, mais uma.

Conta-se na família que às vezes eu voltava do quarto para a sala de jantar e quem tinha adormecido era a Bizé, a meio da sexta história ou coisa assim.

A partir de um momento qualquer escolhido pela Bizé, comecei a rezar todas as noites. Acho que era um Pai Nosso, que eu rezava a toda a pressa mas sem me enganar.

Só depois tinha direito às histórias contadas com a luz já apagada.

Nessa altura eu era tão pequeno que não sabia ainda ler.

O meu pai contava-me histórias à tarde, em dias de sorte. Eu corria para a poltrona dele, acertava-lhe mais ou menos nos joelhos, sentava-me ao colo e ouvia as histórias, que eram sempre histórias inventadas no momento. Só se repetia a personagem principal: o macaquinho Salustiano. Salvo erro o macaquinho Salustiano era um saguim, esperto como um rato.

A minha mãe contava-me - e conta-me - histórias da família.

Foi através da minha mãe que eu fui conhecendo os meus bisavós, os meus tios avós, a vida em Angola durante a guerra, o meu avô João.

O meu avô João estudou Literatura, Direito e Teologia e casou-se aos quarenta, com uma menina bonita, rica e de vinte anos - a minha avó Germana.

Antes disso, o meu avô João morava com uma senhora e com um gato, mas isso é outra história.

O que eu queria agora contar é que às tantas os meus avós vieram morar para Lisboa e decidiram construir a casa da família perto do Largo da Estrela.

A minha avó Germana gostava do sítio escolhido, mas queixava-se ao marido que era pena não se ver o Tejo dali. E ela que nascera perto da Madragoa, com o Tejo ali tão perto... O meu avô prometeu logo que nesse caso não haveria qualquer problema:

“Construímos a casa e entretanto eu mando desviar o Tejo para aqui”.

As palavras terão sido mais ou menos essas, segundo a minha mãe. Depois deve é ter havido qualquer problema logístico, porque da última vez que vi o Tejo continuava sempre lá por baixo, longe do Largo da Estrela.

O meu avô João seria um bom contador de histórias, só pode.

Mais tarde comecei a aprender a ler livros e terei dispensado as histórias contadas. Deve ter sido por essa altura que a Bizé desistiu do meu futuro como católico, mas ensinou-me a fazer arroz apesar de ser rapaz, porque nunca se sabe para onde isto tudo caminha (“Elas, agora...”).

Quando a Bizé me ensinou a cozinhar coelho, percebi que isto cá para os meus lados era campo mais dado ao pecado.

A propósito, o meu pai ia sempre renovando a minha biblioteca com livros escolhidos mais ou menos para a idade. Primeiro dinossauros e homens pré-históricos. Depois banda-desenhada, Emilio Salgari, escritores sul-americanos, às tantas o meu pai acelerou... Acho que nunca li tanto na vida como entre os 11 e os 13 anos. Claro que alguns livros tiveram que ser revisitados uns anos

depois, já com outros olhos.

Lembro-me de um dia ter ficado espantado com um livro que o meu pai me deu.

Uma Bíblia? Eu sabia perfeitamente como o meu pai não queria ter nada a ver com missas. E devo ter ficado com cara de parvo, a olhar para aquela encadernação pirosa. O meu pai terá dito qualquer coisa como - “Um dia vais ler e vais perceber que este é um grande romance”.

Outro contador de histórias que me marcou muito foi António Celestino, um grande brasileiro português do Minho que era amigo dos meus pais. E que acabou por ser para mim mais um tio avô adoptivo.

Está para nascer pessoa que encarne o trabalho de narrar uma história com pulso mais forte que o Celestino.

Era lá na Casa do Ribeiro - em São João de Rei - que eu comia tanto nas semanas de férias que acabava acusado de exagero, ao mesmo tempo que me serviam mais uma pratada de arroz de feijão.

Com panados de porco, daqueles fininhos. E bem temperados com sumo de limão:

“É mais barato alimentar um burro a pão-de-ló”, dizia.

O que aprendi de mais importante com o Celestino? É difícil escolher, talvez o facto de que para sabermos contar uma história também temos que saber ouvir.

Sempre que eu caía no erro de o interromper com perguntas, lá vinha a deixa obrigatória:

“Mas afinal quem é que está a contar esta história?

Sou eu ou és tu?”

Hoje, quando entro numa igreja é para acompanhar uma cerimónia de familiares ou amigos. Prefiro sempre os casamentos aos funerais, os baptizados é caso a caso.

Claro que não participo na missa, nem saberia rezar mesmo que quisesse.

Levanto-me, sento-me, levanto-me, sento-me.

Tenho apanhado grandes secas, posso dizer-vos, aqui que ninguém nos ouve. Mas pelo meio há uma parte que me interessa sempre. Sim, a parte das histórias. A propósito, o vosso romance é tão grande e tão bom que seria boa ideia começarem a variar mais na escolha das passagens. Senão quase sempre andamos a ver os mesmos cromos repetidos.

E – melhor ainda – do que eu gosto mesmo é quando tenho a sorte (muito rara) de me calhar um padre contador de histórias.

Para contarmos boas histórias basta estarmos atentos ao que nos rodeia, o resto vem com a prática. A Igreja católica sempre foi uma grande formadora de contadores de histórias, que pena estar agora

a perder essa capacidade.

Servem estas histórias para ir ao assunto de que vos quero falar hoje, que poderia ser resumido em três mandamentos, se não tivessem tido a simpatia de me oferecer vinte minutos:

Primeiro Mandamento - Conhece a tua própria história.

Segundo Mandamento - Faz por conhecer a história dos que te rodeiam no quotidiano.

Terceiro Mandamento - Tenta conhecer e dar a conhecer a história daqueles por quem passas sem notar.

Estes três mandamentos poderiam ser úteis numa aula de iniciação ao jornalismo ou num encontro de formação desenhado para futuros políticos profissionais. Mas também me parecem três mandamentos muito úteis a qualquer católico que queira ajudar a Igreja católica a existir e a desempenhar um dos seus papéis mais importantes:

não deixar ninguém para trás.

Há quem lhe chame a maior e mais antiga multinacional da História, há quem a acuse de ser mais lucrativa que benfeitora.

Mas numa coisa acho que podemos concordar: a Igreja católica será a organização importante que mais influência perdeu em todo o mundo nos últimos cinquenta anos.

E eu - que a vejo de fora - diria que pelo menos uma parte da explicação é a pouca capacidade de adaptação às formas actuais de comunicação, a pouca capacidade de adaptação a uma nova realidade em que cada vez mais pessoas têm acesso a informação, a pouca capacidade de adaptação a este contexto em que é cada vez mais aberto o acesso à cultura que antigamente se considerava “alta cultura”.

A Igreja não se adaptou à televisão - e já teve tanto tempo. A Igreja tem tido muita dificuldade na adaptação à Internet.

Há uns séculos, para alguém chegar com palavras a muita gente precisaria de um auditório, se possível protegido do frio, da chuva ou do calor, consoante a época do ano. Hoje em dia não faz tanta falta o edifício, não faz tanta falta a igreja-edifício. Qualquer miúdo de qualquer ponto do mundo pode chegar com um vídeo, com uma história ou com uma fotografia a mais gente do que o Papa actual com um discurso retalhado nos telejornais.

Bem sei que o desafio é difícil, mas aceitá-lo é a única hipótese que resta a qualquer organização que queira mesmo existir.

Os católicos têm que aprender a participar na actualidade, com os utensílios de hoje. A Igreja irá

atrás, que remédio.

As razões para eu não vir aqui hoje seriam muitas, as razões para eu vir aqui hoje também são umas quantas e ganharam. Mas não vou por aí, acho que já estou a tomar-vos muito tempo. Quero acabar agradecendo o vosso convite e dedicando esta minha intervenção ao padre e professor António Ruela de Almeida e Silva, o nosso Antoninho, que deveria ter recebido melhor tratamento da Igreja quando ficou doente.

Foi o Antoninho que me ensinou a gostar mais de uma das minhas aldeias, Pardilhó.

De bicicleta já sem rodinhas, com o vento na cara e o cheiro da ria de Aveiro misturado com os cheiros do campo.

Não dá agora para entrar em muitos pormenores, que há aqui mais pessoas a querer falar.

Obrigado, Antoninho.

E muito obrigado a todos os que vieram até cá hoje. Deixo-vos agora com uma das crónicas que escrevi nos últimos dias para o site O País da Mesa.

AGOSTINHO

Já tinha distribuído bacalhaus e pancadas viris nas costas de muitos dos clientes habituais que iam entrando para jantar. Mas naquele momento o empregado de mesa perdeu a pose. E quase chorou.

Ficou com os olhos brilhantes, encolheu uns centímetros e respondeu a uma das mulheres da mesa:

– O Agostinho é um senhor, um senhor que morreu há seis meses.

Mas vamos então à explicação mais completa do assunto. Ou seja, vamos a Algés.

Algés pede pretexto, que neste caso era uma peça de teatro de amigos. Sendo os horários teatrais tão pouco compatíveis com jantares calmos, lá tivemos que procurar tasca vizinha que alimentasse o nosso grupo de espectadores excursionistas.

Um actor entendido nestas coisas da mesa sugeriu que o jantar acontecesse na tasca Sé da Guarda. E fomos logo do eléctrico lisboeta para lá. Sem fazer perguntas, como convém.

A comida aconteceu bem. As ovas grelhadas e as imperiais justificaram a paragem.

Mas o que aqui importa são as facas de madeira que vieram para a mesa, a acompanhar o lagarto de porco grelhado. Uma das facas tinha um nome gravado. Sim, Agostinho.

Agostinho era um senhor que tinha uma loja de ferragens ali ao lado. Vinha almoçar ao Sé da Guarda todos os dias. E queixava-se sempre que esgotavam as facas de serrilha jeitosas, daquelas com cabo de madeira. Daquelas que são servidas com a carne.

Devia ser homem para gostar de pecar à mesa, o nosso Agostinho.

Um dia chegou carregado com um presente.

Sim, era um conjunto de facas com cabo de madeira, todas gravadas menos na perfeição e mais na ingenuidade.

O Agostinho morreu há seis meses. O Agostinho continua a almoçar na tasca de todos os dias. E agora o Agostinho também janta no Sé da Guarda, de mão em mão.

Se existe eternidade é para se comer.